

(Pará) - Belém, 13 de Setembro de 1957

Ilmo. Snr.

Cel. José Luiz Guedes

M.D. Diretor do Serviço de Proteção aos Índios. —

Rio de Janeiro D.F.

Senhor,

Saudações.

Na passagem sua por Belém, tivemos a satisfação de estar com o Snr., e falamos ligeiramente sobre a CRAOLANDIA. Maior foi então a nossa satisfação a ouvir e a sentir nas poucas palavras suas o vivo interesse manifestado sobre o assunto, que tem sido constante preocupação nossa: - a legitimação completa da CRAOLANDIA! -

Não queremos nem devemos nos estender mais aqui, - do que fizemo-lo em Outubro de 1956, em memorial apresentado a essa Diretoria, sob título "Em Defesa dos Craôs e da Craolândia".

Alí (acreditamos nós) estão condensados - sob roxas tintas imorredouras de queixumes - os sofrimentos inaditados daqueles índios e os seus direitos horrivelmente procrastinados! -

Pensavamos e acreditávamos, que aquelas nossas palavras fervorosas - espelhando fielmente o quadro doloroso daquele cenário maldito - não permanecesse sob os olhares indâferentes - de quantos as lessem ... e todos se devotariam pressurosamente à justa causa craôina, ultimando as providências alí lembradas e - com tanta fé rogadas! - ~~aquele~~ ^{aquele} nosso pequen^o apelo seria assim/ como um canto de cisme ... modulando esparsas saudades sobre sepulturas ... esperanças, sobre enlutados lares! ...

Mas, não ouviram ...

Já o dissemos: não queremos nem devemos nos estender mais. Rogamos somente ao Snr. em nome das famílias craôs, com as quais temos repartido sempre um pouquinho de afêto - as providências contidas no aludido memorial (Outubro de 1956), e por bondade sua faça aqueles coitados índios uma visita, também.

Assim a Povoação Indígena "ANTONIO ESTIGARRIBIA" que até hoje não mereceu nenhuma visita ainda de Diretor - apesar do nome tão ilustre que a escúda - receba pela primeira vez a sua nobre presença, como testemunho do bem que possa fazer aos CRAÔS agora e das promessas do que mais lhes puder fazer adiante!

Encarecemos mais a mais ao Snr., no momento, aquelas providências complementares e necessárias ao processo de legitimação da área medida e demarcada para a tribo dos índios Craôs,

C. do U. do U. do U.

quando sabemos que à frente da Chefia da I.R. 8 (Goiás) se encontra em hora bem oportuna para os índios goianos, o Snr. - Almiro Gutemberg Marinoni - titular competente, honrado e zeloso!

Snr. Diretor

Se estas nossas devidas vozes de hoje - éco de muitas outras vozes que de longe em longe vimos calorosamente/erguendo - encontrar afinal éco nos sentimentos do Snr., dignando-se tomar a sério as medidas solicitadas no memorial relembrado, dignando-se outrossim visitar os CRAOS (completando/assim *sabia* e bondosamente, o que outros ali com tanto amor fizeram!), temos a certeza, a confiança plena, de que o nome a seu gosto seu restará carinhosamente para sempre, "NO CORAÇÃO DAS/POPULAÇÕES RISONHAS, DA MATERNAL, FORMOSA C R A O L A N D I A!"

Grato, muito grato.

Cildo Meirelles
Cildo Meirelles

Belém, 20 de junho de 1958

Ilmo. Snr. Cel. José Luis Guedes,
M.D. Diretor do Serviço de Proteção aos Indios
Rio de Janeiro D.F.

Saudações

ANTES QUE SEJA TARDE, e sobrevenha a hora fugaz do irremediavel, hora preságea para toda ação benfazeja, digno-se V. Sa. lêr atentamente estas linhas, e se elas merecerem a fortuna de enternecer-lhe o coração, acuda piedosamente aos C R A Ô S , Antes Que Seja Tarde! -

Uma vêz e outra, vem a meu conhecimento a situação aflitiva, calamitosa, que sofrem os CPAÔS... Recalco tanto quanto posso os sentimentos de pesar que causam tais noticias, embora às vezes umas vão explodir na revolta que meus escritos inflamam! -

Ha pouco, depois de haver escrito a carta de 24 de maio último, dirigida ao Snr. Marinoni, cuja cópia tive a satisfação de enviar a V.Sa., fui informado por pessoa conceituada / dêsse Serviço, de regresso dos Gorotires, via Carolina, de que naquela próspera cidade do Maranhão, onde o avião C.A.N. pousou uma noite, assistiu ela a uma cêna comovedora, degradante:- a mendicancia dos CRAÔS pelas ruas e praças de Carolina, além de doentes e cobertos de trapos! -

Quadro identico, ou peor, reproduz-se periodicamente também nos logradouros públicos da cidade de Pedro Afonso (Boiás), como me contou antes velho amigo ali estabelecido!-

Causa lastima o estado de decadência a que a administração passada relegou aqueles indios, expostos à caridade pública, mostras errantes do abandono e da pobreza que dominam seus lares distantes, ocultos vergonhosamente nos desertos esquecidos da CRAOLÂNDIA...

Veze sem conto tenho apelado para essa Diretoria, por providências reais, e urgentes, que ponham os CRAÔS e a CRAOLÂNDIA a salvo das ameaças de ruinas que tanto desejam, e se esforcem por conseguir seus incansaveis inimigos!-

* * * * *

Snr. Diretor: o alvo, o escopo desses maus brasileiros nos - com o pensamento dia e noite prêso à ambição das terras CRAOANAS - é estimular toda sorte de miseria naqueles indios para, que possam, pela dissolução e morte dêles, invadir criminosamente as ditas terras, e pleitearem depois nos despójos uma /

Estado do Maranhão

partilha. Plano ignóbil que vêm desgraçadamente executando com êxito, e sem encontrar obstaculos nem resistência, uma advertência sequer! -

Se o indio, mais o CRAÔ ainda, tão docil e vi-
vaz, desceu a uma condição deploravel de vida - como se apresen-
ta nestes dias nefastos, de precisar pedir esmolas às cidades e
estradas - a culpa dessa degradação, ou causa dela, não está -
com êle, e sim nos seus vorazes perseguidores, e na indifferença
daqueles serventuários incumbidos de sua assistência, educação/
e orientação ! -

Podendo tornar o CRAÔ mais trabalhador, mais -
autosuficiente, economicamente independente, dentro da maior e/
mais rica propriedade da região, seus protetores ou negligenci-
am na sua nobre missão, ou não estão à altura de permanecer ne-
la! -

Não melhoraram o estado social daquela espe-
rançosa tribo; degradaram, e desmoralisaram-na ... Tiveram à -
mão um diamante, e não souberam lapidar no belo brilhante.-

Tivessem embora uma pedra bruta, um granito /
consigo, e foram incapazes outrossim de esculpir formosamente.-

Pe. ANTONIO VIEIRA - o genial catequista-escre-
vendo a seus companheiros de crença, e exortando-os com inteli-
gêntes conselhos, convidava-os convictamente a fazerem do indio
um bom cristão, um santo!-

Convenho no entanto que a finalidade do Servi-
ço, não seja essa a que com ardor me referi eu, e referiu-se -
com fé aquele imortal jesuita, e, ainda que fôsse, bem poucos /
educadores alcançariam a glória daqueles belos resultados!-

Creio porém que com bôa vontade daqueles que
lá morejam, ajudados realmente pelo Serviço de Proteção aos Indi-
os, facilimo seria o fazer do CRAÔ de hoje um individuo auto su-
ficiente, e conservar-lhe também os bons sentimentos inatos; e
do da manhã, um cidadão admiravel, cheio de gratidão, e de amôr
à Patria que lhe cuidou com desvelo.-

* * * * *

Os CRAÔS, Snr. Diretor, são indios que deveriam
estar numa situação invejavel, de fartura.- Possuem uma proprie-
dade enorme, privilegiada. Nenhum indio brasileiro, possui por
lei área de terra, tão extensa e utilisavel como a dêles: medida
e demarcada, sobretudo!-

O patrimônio territorial dêsses indios, está es-
timado presentemente em Cr\$50.000.000,00 (Cincoenta Milhões de -
Cruzeiros), valôr que crescerá muito mais depois, com a passagem
ali próximo, da BR-14.

Estado do Ceará

Esse acontecimento vem despertando imensa cubiça na
queles velhos invejosos da CRAOLÂNDIA, e de outros novos:- to-
dos conjugando esforços desesperados perante o Governo de Goiás
para extingui-la, calculando todos, todos, porém, usurpar as va-
liosas terras dos índios!

A CRAOLÂNDIA - é a povoação Indígena A N T Ô N I O
E S T I G A R R I B I A, carinhosa homenagem do Serviço de Pro-
teção aos Índios ao seu mais brilhante e dedicado servidor. Ela
representa-só ela!- naquelas campinas e florestas goianas, o -
glorioso monumento de afeto e admiração que o S.P.I. erigiu com
sacrifício de tantas vidas, ao seu apóstolo sublime!-

Não consinta, Snr. Diretor, na sua sábia administra-
ção - repleta de inestimáveis realizações e louvores gerais -
que se desmorone nem sucumba pelo abandono imperdoável um patri-
mônio tão ilustre, e precioso... Salve a C R A O L Â N D I A ,
ANTES QUE SEJA TARDE! -

* * * * *

Todos os estudiosos do problema indígena, detêm-se/
demoradamente na QUESTÃO TERRA, origem essencial, e talvez só ,
das imensas dificuldades que o S.P.I. defronta a todo instan-
te, na solução de reclamações infinitas! -

Tenho para mim (modestamente) que a única medida ca-
paz, no atual regimen político nacional, de poder dar solução -
satisfatória à questão primordial indígena, seja o Governo da
União:

a) OBTER POR LEIS DOS ESTADOS, AS CESSÕES DE TERRAS
NECESSÁRIAS ÀS TRIBOS EXISTENTES, SEGUIDAS DAS MEDIÇÕES E DEMAR-
CAÇÕES DAS ÁREAS, E SUA RESPECTIVA LEGITIMAÇÃO;

b) COMINAR AINDA, NO REGULAMENTO DO SERVIÇO, PENAS
SEVERÍSSIMAS, DE MULTA E PRISÃO, A TODOS QUE PENETRASSEM, SEM /
PREVIA LICENÇA, NAS ÁREAS CEDIDAS E CONFINADAS.-

Essas providências felizmente já foram tomadas em -
parte pelo Serviço, em relação à tribo craoína, que viveu nas -
suas Aldeias dias felizes. E para que voltem novamente aqueles/
tempos de ventura, ou melhores ainda, é suficiente apenas essa
Diretoria tomasse bondosamente as seguintes resoluções:

1ª) UMA INSPEÇÃO PERIÓDICA À CRAOLÂNDIA;

2ª) DESIGNAÇÃO DE FUNCIONÁRIO ATIVO E COMPETENTE, PA-
RA A SUA DIREÇÃO, COM RESIDÊNCIA OBRIGATÓRIA NELA;

3ª) DESTINAR-LHE ANUALMENTE UMA DOTAÇÃO PRÓPRIA, PA-
RA SEU DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E CONSERVAÇÃO, COMO FAZ A OU-
TROS SETORES DO SERVIÇO.-

* * * * *

Snr. Diretor, convem ressaltar que todas as provi-
dências de qualquer natureza, propícias à defesa do território/

Carta do Sr. Mendes

craoano, ao seu desenvolvimento econômico, e conservação, redun-
darão em proveito, imediatamente, dos CRAÔS, sem duvida, extender
se-ão porém logo, beneficentemente, aos remanescentes de outras -
tribos visinhas que, pervagando como párias pelas proximidades,
irão com certeza se valer no porvir da solidariedade fraternal/
craoana.

Os presumíveis remanescentes indigenas, careci-
dos de socorros mais tarde, são Apinagés, Cherentes, Canelas e
Gaviões que, por má sorte sem terras até hoje, e sem esperança/
nenhuma de obter amanhã, buscarão futuramente a generosa ampli-
dão da CRAOLANDIA.--

* * * * *

Reiterando a V.S., Snr. Diretor, as providênci-
as mais imediatas que tive a honra de sugerir, e possam nesta /
hora decisiva aliviar de tantos tormentos aqueles indios, evi-/
tando outrossim que caiam todos êles na mendicância, e em ou-//
tros vícios abomináveis, ou que amanhã ali, onde sofrem, o tran-
seunte ao passar só encontre suas mudas sepulturas, ou a poste-
ridade seus queixumes, que meus escritos eternizam - suplicam /
os CRAÔS, ainda, um gesto só de bondade, ANTES QUE SEJA TARDE!-

* * * * *

A N T E S QUE SEJA TARDE porém, oxalá possa V.
S. - numa recordação futura dos Craôs-dizer com Rilac

"PENSO NA MULTIDÃO DOS SOFREDORES,

" QUE UMA BENÇÃO TIVERAM DO MEU BRAÇO:

"TALVEZ ALGUM REPOUSO AO SEU CANSAÇO,

"TALVEZ AO SEU DESEJO ALGUMAS FLÔRES ..."

* * * * *

Muito respeitosamente, e muitas vezes agradecei-
do pela atenção honrosa, sou de V.S. amigo e admirador.

Cildo Mairales

Cildo Mairales

Brasília, 3 de outubro de 1959.

Caro MOTA:

A carta que ora faço, exprime antes velhos sentimentos do coração, do que emoções novas do presente.

Movimentando-me de lugar para outro, ou demorando-me por acaso em algum - acompanhou sempre meus passos vacilantes a imagem paciente do CRAÔ - refletida saudosamente nas cartas que a amigos escrevo em prol dêles. Após tôdas elas, animadas sempre pelo fervoroso propósito de bem servir àqueles aborígenas - não poderia encerrar o círculo de epístolas, sem juntar seu nobre nome àqueles que se vincularam pelo coração à sorte dos FILHOS DO MATO, adoradores do sol!

Aqui de BRASÍLIA, aonde trazido por mão amiga, extendi por instante a pobre tenda de judeu errante, e de onde assisto entre alegria e pesar à aurora da CIDADE IDEAL, contemplo o cenário destes sertões incomensuráveis que se somem, como por encanto, na formosura de amplas avenidas e construções modernas, e vislumbro sob o azul do progresso incontido o escuro infundável da sepultura, sem nome de gerações indígenas, sucumbidas nestes antigos desertos!

Tanto mais real é este quadro emocionante, invocado involuntariamente nestas lindas chapadas e cerrados goianos que meus olhos se acostumaram a contemplar, quanto mais a mais se aviva êle com nostalgia nas decorações a óleo, de índios nas paredes do SAPS em Brasília, e se anima eloquentemente por vezes, também, pela presença periódica dos sobreviventes ^{indígenas} nas praças da cidade nascente!

São momentos para mim, caro Mota, de desolação profunda, de intraduzível tristeza, vêr desfilarem em marcha lenta, diante de meus olhos rebuçados, famílias de CRAÔS, sem destino!...

Sem destino, só?! Não! Penando e pervagando indefinidamente pelo vasto território da Pátria - verdadeiros párias - sentindo os passos embargados a cada hora pela ambição e indiferença de uns, pelo desprezo e maldade de outros, criaturas que pela fragilidade mereceriam de tôda outra afortunada, algum gesto de bondade!

Em Belém (Pará), há quase dois anos, confessava-me com ar tristonho o capitão João Noletto o desejo de se mudar com sua gente da pequenina aldeia de DONZELA, para os confins daquele Estado, e outros Craôs em Brasília me teem confessado ainda desejo parecido...

Que motivos sentariam, ou sentem, êsses descontentes índios, para suscitarem nêles o pensamento de abandonar a terra natal e buscar distante outra estranha?!

Porque esta ansiedade, tôda, louca impaciência, desespero infernal?!

Valdo W. ...

COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

Pr que?! Certamente, não encontram mais ali onde nasceram, os atrativo, as condições pródigas de vida feliz que tinham antes, nem as promesss que se lhes fazem agora, rescendem mais o aroma consolador das grças que costumavam receber outrora!

Itão, desiludidos onde vivem, aventuram-se em longas e penosas caminhadas reanimados pela esperança - cuidando poder encontrar num horizonte que e afasta sempre, a felicidade sumida...

ão ouçam porém suas vozes agora os potentados, não vejam seus corpos esqálidos os sobêrbos, que nem todos os CRAÔS desaparecerão, nem de todos e sonhos seus restará apenas a CRAÔLANDIA - sem antes ter eu a ventura de deixar gravado para a pèsteridade o testemunho do seu longo martírio, as súplicas incessantes que escuto, e que agora, agora morrem com êles!..

----- o -----

MOTA! Abandone um minuto só o adorável Rio, os encantos da CIDADE SCRISO esqueça, as belezas gauchas não fite tanto, as demoradas horas de amizades honrosas encurte! Pense em Goiás, na desditosa CRAÔLANDIA pense, agora!

CRAÔLANDIA...1942... 1943... 1944... 1945!...

Aqueles foram os belos, risonhos anos de infância da CRAÔLANDIA, nascida e vivida nos braços seus, sob preciosos cuidados... Ali tam bém, naquelas alviçareiras campinas goianas, em circunstâncias especiais, quando tudo de fora lhe parecia estranho e ingrato, achou você o berço de nova via e aonde a sorte, outrossim, lhe mostrou a mulher amada... PERONA - a primeira rosa desabrochada dêsse amor - é no coração paterno a imortal redoura sempre-viva do afeto, recordando-lhe sempre, os CRAÔS!

Volve por isso a êles - tão aflitos e tão cheios de desiluzões agora - seu olhar, seu pensamento de bondade! Orfãos como estão dos carinhos primeiros, encha - caro Mota - seus corações tristes de novas esperanças, e as bocas súplicas, das alegrias, dos sorrisos, que a felicidade aos borbotões gera!

Poupe por caridade aos CRAÔS restantes e poupe ainda ao caminheiro que pela CRAÔLANDIA mais logo passar, o dissabor de sôbre suas ruínas, sentir a saudade que os cemitérios abandonados habita!

Faça algum bem a êles já, ANTES QUE NÃO POSSA FAZER MAIS NUNCA!

Revêja por piedade a coitada CRAÔLANDIA... Reparta pedacinhos do coração seu aos corações amargurados que ali vivem...

Lá naqueles amenos sítios, de riachos pitorescos, à sombra de velhas árvores, faça evocação de anos passados. Muitas lembranças lhe ocorrerão de pessoas e coisas, de esperanças e sonhos... A figura olímpica do velho amigo ANTÔNIO ESTIGARRIBEA logo a seu olhar resplandece - velando cariosamente, naqueles ceus azuis longíncuos - a agonia dos bravos FILHOS DO MATO!

COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

MOTA:

Aí naquelas paragens agrestes, onde há pouco florescia a mimosa tribu dos CRAÓS - crescerá breve civilização opulenta e orgulhosa...

"BRASIL! NAÇÃO, MAS NAÇÃO QUE TEM POR BASE,
AS CINZAS FRIAS DA NAÇÃO SENHORA!"

E a flamula que "à luz do sol encerradas promessas divinas da esperança" - outrora ^{hasteoia} na gávea dos navios negreiros - verá você também naquele pequenino recanto, cobrindo novamente "TANTA INFÂMIA E COVARDIA", para suscitar no coração amigo daqueles irmãos, a exprobração solene

"ANTES TE HOUVESSEM RÔTO NA BATALHA,
DO QUE SERVIRES A UM POVO DE MORTALHA!"

Afetuosamente,



CILDO MEIRELES.

Enderêço

Quadra 39, Casa 43 - FUNDAÇÃO DA CASA POPULAR. (Residência)

D.G.A. - NOVACAP - BRASÍLIA - GOIÁS (Correspondência).

Brasília, 25 de Dezembro de 1959

Caro Francisco:

Feliz Natal!

Numa dessas tardes, vi á porta da Chefia de Polícia de Brasília, um grupo de índios CRAÔS, maltrapilhos, resignados porém sempre! Passava eu de ônibus; comecei a pensar nêles, em você!

Entre as inúmeras decepções da vida, desencantos sofridos, que as alegrias do coração mataram, sobrerestam ainda, adoçando o amargor todo, a lembrança bôa daqueles índios e a amizade de poucas criaturas humanas mais, num ocaso imperecível de esperança.

São os CRAÔS índios incompreendidos, vivendo excluídos, pela natureza delicada, comedida de suas atitudes, da alegria comum que se observa em outras tribos indígenas, de mistura com a nossa sociedade sorridente.

Não sei se eles se portam assim tão sóbrios, pela nostalgia natural de um povo espoliado, constrangido, ou pelo retraimento calculado de quem ouviu aqueles versos.

" Poupa o riso e o prazer! porque a alegria tanto é mais doce quanto mais é parca."

Nascidos em região de fartura, vivendo de caça e pesca, em plena liberdade, sofreados apenas pelos hábitos de uma moral simples e pura, no seio da natureza virgem e bela - sentiram logo os CRAÔS, nas primeiras relações com a civilização, os passos obstados pelas proibições insolentes de seus dominadores, as crenças religiosas profanadas, violadas horripelmente, a família poluída, a comunidade indígena ameaçada, pelo desrespeito constante á vontade de seus principais.

Não contentes ainda com tantas infâmias, os conquistadores repararam entre sioo extenso território tribal, instituindo logo o trabalho sevil para eles, aumentando assim o sofrimento de todos!...

Foi nessa quadra pesarosa da vida dos CRAÔS, em que assistiam inconsoláveis ao desmoronamento daquele cenário maravilhoso onde nasceram e se sentiam também eles mesmos desaparecer de repente, que mãos carinhosas os guiaram primeiramente para o aldeamento de SÃO PEDRO DE ALCANTARA (Carolina-Maranhão), posteriormente para o Aldeamento de PEDRO AFONSO(Goiás)e, nos meados do século passado, para onde atualmente se homisiam, ás margens do Rio MANOEL ALVES PEQUENO - mais / propriamente C R A Ô L A N D I A. -

Essas sucessivas mudanças, penosas transmigrações, testemunham confidencialmente as devêsas cruciantes do Calvário dêsse povo que nunca mais teve socêgo na vida, depois que os brancos invadiram PAS-

TOS BONS (Maranhão), seus antigos penates... incendiaram os lares... envenenaram a água que bebiam... contaminaram com germens epidêmicos, patogênicos, os sítios nativos...

Quando todos esses processos de extermínio não bastassem, menos, bem menos, para ceifar covardemente a vida dos vencidos do que para atestar o grau de barbaridade dos vencedores - criaram e acirraram o ódio entre as tribos visinhas que se degladiavam depois ferozmente, dizimando-se mutuamente...

Os CRAÔS foram desta forma por infelicidade, vítimas dêssas ciladas macabras que lhes armaram rancorosos inimigos, Conta um ilustre cronista da época (1815), que assistiu, no começo do covívio dêles / com os civilizados, a cena deshumana preparada pelos cristãos, anima da ainda de gargalhadas satânicas e aplausos criminosos que soltavam!

A infeliz tribo dos PURECAMECRANS, moradora naquelas visinhanças de PASTOS BONS - tão poderosa antes e tradicionalmente dócil - capitulara-se confiadamente, por meio de ardis e promessas vãs, aos conquistadores dos CRAÔS. Depois de longa e fatigante caminhada, cheia de peripécias onde muitos pereceram, foram os restantes arrastados sem piedade para junto do sítio onde estavam aldeiados os CRAÔS.

Pobre criancinha de cólo, é arrancada com brutalidade ao seio materno para cima de um tronco de árvore...

A mãe PURECAMECRAN, subjugada, cheia de aflição, banhada em lágrimas, implora aos algozes brancos a devolução do querido filhinho, enquanto os guerreiros CRAÔS, insuflados mais a mais pelos seus donadores, alvejam certeira e inocente infante que entre suspiros de dôr expira... crivado de inúmeras flechas!...

A discordia estava iminente... As duas tribos começaram a se hostilizar fortemente, dizimaram-se quasi!

Estavam consumados naquele instante também, os desejos dos malfeitores brancos!...

Esse episódio aparentemente a toa comparado a outros ocorridos na história dos nossos índios maxime na dos CRAÔS - revela antes da lamentação justa, os sentimentos de monstruosidade e culpa daqueles que inspiram aos pobres índios tão horripilante infanticídio!

Passado mais de um século dessa ocorrência lutuosa, as mães craôs assistiram também, na maior agonia, á dôr igual daquela desgraçada PURECAMECRAN, expirando elas mesmas, abraçadas loudamente aos cadáveres dos filhos, durante o monstruoso massacre que sofreram dos civilizados, na madrugada de agosto de 1940!...

Quando examino com atenção a vida dos CRAÔS e revejo o longo marfrológico vivido com a civilização, passo a refletir outrossim sôbre a situação geral do índio, sempre nefasta, apesar da dedicação daqueles que se preocupam sinceramente com a sua sorte.

Sempre, sempre em declínio, as populações indígenas do Brasil definham-se dia a dia, sob o olhar desvelado de raros defensores.

Fixando a vista num ponto só, do panorama malfadado da infeliz ra
continua...

ça americana - para ser mais claro e concludente - olhe você mesmo onde está, a situação das tribos indígenas do Pará... ontem e hoje!

Ontem!... Onde vivem ainda aqueles índios, ou vestígios há mais dos NHENGAHIBAS, habitantes do arquipélago Marajó, famosos pela amizade de VIEIRA com eles, aos quais se atribui por isso a atenta vigilância sua, para não consentiram invasões estrangeiras nas plagas marajoaras!...

Os PARINTINTINS que ocuparam dilatadas regiões tapajoanas, no antigo GRÃO PARÁ, seus bravos descendentes lograram alcançar sem dúvida os bons propositos dos funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, em cujos braços porém, por destino fatal, vieram a falecer todos!...

Os nobres CUCHIUÁRAS, altos e belos, com os narizes e orelhas espelhando folhetas de ouro, devotados artifices de xilogravura?

Que é de os TUPINAMBARANAS e TUPINAMBARANAS, descendentes autenticos dos célebres TUPINAMBÁS?

Onde estão os JURUNAS - "bocas pretas", cujos lares foram berço da poetica Belém?

Que é de os ENCABELADOS e outros mais índios enfim que ai viviam?!

Mas se você espera saber mais, ou conhecer deseja a todos, veja numa ressurreição histórica seus nomes nas páginas brilhantes das "Cartas" e "Sermões" de ANTÔNIO VIEIRA, nas dos preciosos "Anais" de BERREDE, na da opulenta "Corografia" de MELO MORAIS... ou finalmente ainda na placa singela que alguma rua da bucólica Belém recorda!... Mais nada!...

Hoje... Que posso contar dos aborigenes paraenses? Como se sentem eles agora, que destino lhes está preservado, amanhã?

ONTEM como HOJE, foram esses aborigenes colaboradores preciosos do advena, que procurou a graciosa TERRA IMATURA, seus lindos, prendados sítios!... Amigos pressurosos do invasor no primeiro século do desbravamento (1616), levaram-no nas igarités solitárias aos recessos labirínticos do dédalo profundo das florestas virgens...

Alí se devotavam com empenho leal ao ousado forasteiro que, depois de exaurir deles todos os conhecimentos valiosos e desejados, relegava-os ao abandono, exterminando-os enfim pela traição e escravidão.

Mais tarde (século XVIII) - pelas lutas fratecidas das tribos que os próprios brancos propiciavam, agravadas ainda de males epidémicos que a mesma civilização de sobejo lhes acumulava, desapareciam assustadoramente as populações indígenas "reduzidas"... enquanto os desalmados triunfadores se expandiam e se multiplicavam mais a mais...

Assim, em posição desvantajosa, decadentes, buscavam os silvículas medrosamente os recantos ínvios das matas, cedendo os sítios prediletos aos invasores astutos, agora fortalecidos em numero e conhecimento seguro da região...

Surgem os albores do século XIX, denunciando aquelas pobres tribos rechassadas nos esconderijos amigos dos igarapés cujas aguas refletiam nitidamente, nos meados daquele século, a imagem de "Os Selvagens" que GOMES DE AMORIM descreveu com primor, e HENRI COUDREAU eternizou magis-

tralmente em obras, sobrevivendo seus descendentes, por milagre, até os dias presente do século XX.

URUBUS... TEMBÉS... CARIPUNAS... GAVIÕES... AMANAGÉS... MUNDURUCÚS;... CAIABIS... PARACANANS... e poucos outros retratados melancolicamente pela pena de Eurico Fernandes, Jorge Hurley, Kurt Nimuendajú, Darcy Ribeiro...

São essas relíquias da raça americana, providencialmente salvas á barbaridade de gerações passadas, que seu espírito vislumbra agora no PARÁ, e o coração aquece e reanima!

Mas que sonham afinal, ou a que aspiram ainda esses aborígenes paraenses cujos ancestrais foram poderosos, tiveram a riqueza fabulosa do Baixo Amazonas aos pés, outrora?

Pedem pouco, muito pouco, aqueles que seus avós possuíam tudo!

Pedem apenas vida. Vida porém com terra e liberdade!

Vida com justiça!

— . —

Aqueles aventureiros que a pretexto de civilização perpetraram atrocidades infernais contra os filhos das selvas, provaram com demasia a inferioridade de sentimentos seus, relativa a dos catecumenos... Não tinham os brancos naquela época, como bem pouco têm ainda os de agora, alcançado assás grau da cultura de que se orgulhavam tanto, mercê das riquezas e técnicas possuídas...

Não tinham virtude que salientasse, sobretudo as crenças, amor pelos humildes!

A ambição descabida cegava a todos!... Roubavam todos = roubam covardemente ainda hoje - ás nacionalidades indígenas, o espaço vital - dádiva de Deus!

Francisco, sua altruística missão em prol dos selvícolas paraenses é um sacerdócio, que seus bravos auxiliares encorajam e honram!

Outros colegas também seus, em outras regiões, se esforçam com igual fervor á causa indígena, vencendo como podem ás resistências extraordinárias opostas... Alcancem você e eles todos ainda, os ideais que almejam, para a consecução da felicidade da família indígena!

Não sofram nunca todos - perseverantes amigos do aborigene brasileiro - a decepção, o desgosto infinito, de vêr depois também, á porta de POLÍCIA, índios a que estimam tanto, pedindo esmola... como alguns sentiu ao vêr, naquela triste tarde, aquele pobre grupo de CRAÔS!

Sirva de remate honroso porém a esta desataviada arenga, a este eterno clamor meu pela sorte dos C R A Ô S, o lindo verso do Padre Antônio Vieira, no fecho de celebre Soneto

"Que sempre pouco diz, quem muito sente!"

Afetuosamente,



CILDO MEIRELES

Brasília, 7 de abril de 1961

Ilmo. Sr.

CEL. TASSO VILLAR DE AQUINO

DD. Diretor do SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

N E S T A

Ilustre amigo e Senhor,

Saudações.

Quem tantas vezes em ocasiões muito diversas, escreveu, cheio de entusiasmo e sinceridade, sobre a sorte dos índios CRAÔS e da CRAOLÂNDIA - não deveria mais neste ocaso de vida, renovar anseios e desejos que outrora transbordavam a cada momento de sua pobre pena!

Mas, como "O coração tem razões que a razão não conhece" (Pascal), nem "... as almas não morrem como as flores,

.....

Renascem para o sol de novas primaveras
E de novos amores" (Bilac), aqui está novamente velho amigo dos Craôs, que na presença de V. Sa. cria alma nova, e, rememorando fatos, implora para eles uma situação mais cordial, mais generosa, que suavise por fim, sua vida tão sofrida.

Há anos não revê a CRAOLÂNDIA, nem abraça as famílias indígenas que a povoam, nem sabe mesmo (confessa) teria cora ção de voltar ali agora, sabendo tudo mudado do que era antes naquele formoso recanto da terra goiana!

Pelas queixas que ouve, é a Craolândia de hoje, um amontoado de ruínas, testemunho mudo da dedicação e carinho de antigos funcionários que ali mourejavam dia e noite em pról daquele povo.

Se houvera pedaço de terra brasileira, onde criaturas abnegadas se empenharam de corpo e alma para nêle criarem aqui na terra um paraíso para índios - com tôda certeza irão buscar êsses vestígios ainda, na mística Craolândia !

Aquêles lindos morros esparsos - estendidas atalaias sobre campinas imensas, sulcadas por regatos abundantes, defluindo de verdejantes florestas, onde ^{se} refoge a caça espavorida e aquêles prados dilatados embalsamam - entesouram com ciúme o rico VÃO dos Craôs, e atestam ali e acolá, nos escombros, a efemeridade das obras humanas... O esplendor que fôra a CRAOLÂNDIA!

.....

É a Craolândia um território constituído de 319.000 Ha, ou sejam 66 mil alqueires geométricos, medidos e demarcados em 1943, com divisas naturais, e doada à tribo dos CRAÔS, pelo seu máximo benfeitor - DR. PEDRO LUDO

VICO TEIXEIRA - então Interventor Federal do Estado de Goiás.

Quatro (4) são as aldeias de Craôs ali existentes:

PEDRA BRANCA - com 280 almas mais ou menos, com sólida casa de alvenaria sôbre uma solitária colina, rodeada de árvores frutíferas, onde sobressai a Escola JOSÉ BEZERRA e de onde se avista a pista para aviões;

CABECEIRA GROSSA - Sua população está calculada em pouco mais do que a de PEDRA BRANCA - 300 e poucas almas - funciona junto a Escola TEO DORO SAMPAIO, enriquecida de lindo pomar;

DONZELA - Seus habitantes são uns 120 índios, nela funcionando, digo, funcionou ou funciona ainda, a Escola PEDRO LUDOVICO, e antigamente floresceu a fazenda de gado denominada "Maravilha".

Seminha PIABANHA (Pitoró) - A menor de tôdas elas, formada de famílias craôs miscigenadas, situa-se nas proximidades da fazenda de gado dos Craôs, chamada "Chupé".

Tôdas estas quatro aldeias estão situadas na área da Craolândia, distantes umas das outras de quatro a cinco léguas, comunicando-se entre si por estradas rústicas.

-X-

Senhor Diretor:

No momento em que se inaugura para a Nação uma nova era de trabalho e justiça, e quando para dirigir os destinos do Serviço de Proteção aos Índios é escolhida pessoa de V. Sa. - credora de sobejos dotes de inteligência e bondade - é muito justificável que alguém que sempre se empenhou por suavisar as angústias da pobre e relegada tribo de índios dos confins setentrionais de Goiás, se reanima de coragem e impetre a V. Sa., agora, para a mesma, um gesto de piedade, acudindo imediatamente a situação de abandono e miséria, em que as últimas administrações a puseram.

Para a consecução dêsse nobre desideratum, pediria a V. Sa. que se dignasse, por bondade, fazer logo uma visita àqueles índios, acompanhado do Sr. LOURIVAL DA MOTTA CABRAL, M. D. Chefe da S.O.A., que ali já trabalhou anos passados, com tanto amor e dedicação, conquistando os corações de todos eles!

E se fôsse possível ainda formular a V. Sa. algum favor mais para aquêles pobres índios, pediria com interêsse, em nome de tôdas aquelas criaturas, que estendesse também sua estimada visita ali até à Aldeia Cabeceira Grossa, onde se condensa a maior população CRAÔ.-

Tem plena certeza e convicção o autor destas singelas linhas, pelo que conhece dos sentimentos boníssimos e hospitaleiros dêsses índios, de sua inigualável docilidade, de que V. Sa. e o Sr. Lourival da Motta Cabral se comoveriam bastante da recepção amável, das sobejas provas de estima e confiança que lhes da riam eles todos, mal grado os desprezos e maltratos

que o Serviço lhes dá nestes últimos tempos!

-X-

Como providências imediatas, para recuperar a situação daquelas populações indígenas, dotaria V. Sa., ainda este ano, a Craolândia de recursos suficientes para:

- a) - Restauração da sede.....Cr\$100.000,00;
- b) - Construção do prédio para a Escola TEODORO SAMPAIO.....Cr\$200.000,00;
- c) - Construção do prédio para a Escola PEDRO LUDOVICO.....Cr\$200.000,00;
- d) - Aquisição de gado vacum para as fazendas "Chupé" e "Maravilha".....Cr\$
1.000.000,00;
- e) - Assistência aos índios (remédios, merenda escolar, ferramentas, sementes, etc.).....Cr\$500.000,00.

Cr\$2.000.000,00

(DOIS MILHÕES DE CRUZEIROS).

Além desses recursos, aqueles mais que a verba Material comportasse, e ampliasse também a lotação da Craolândia, muito desfalcada ultimamente de auxiliares, operários e trabalhadores.

E fosse tratado logo e logo com empenho na S.P.V.E.A., a sobrevivência do plano de trabalho apresentado ali por pessoas amigas para a Craolândia, neste período quinquenal vigente.

Não pararia, no entanto, nestas salvadoras providências somente a ação sábia de V. Sa., a favor dos índios Craôs. Saberá logo que é ali a Povoação Indígena ANTÔNIO ESTIGARRÍBIA, ali mesmo na Craolândia - única homenagem que o Serviço de Proteção aos Índios prestou ao honrado e saudoso ANTÔNIO MARTINS VIANNA ESTIGARRÍBIA, ilustre oficial do Exército, que consagrou sua vida toda no amor, no estudo e no trabalho dos índios de sua Pátria, e tornou-se por isso, para todos que ugetos se devotem à causa indígena, o maior paradigma de virtude e saber!

Só isso é motivo, e motivo bastante considerável para que a Craolândia - Povoação Indígena ANTÔNIO ESTIGARRÍBIA - mereça cuidados especiais, orientação carinhosa da Diretoria do S.P.I., tornando a Craolândia um espelho, sala de visita, Escola Indigenista, próxima à Capital Federal - onde de todos fossem ver e admirar a capacidade de trabalho e organização do Serviço, onde estagiariam também aqueles Servidores, aprendendo ou se aperfeiçoando em assunto ÍNDIO, antes que assumissem a direção complexa de qualquer posto.

Assistem todos, a todo momento, a pessoas completamente leigas do problema ÍNDIO, sem nunca terem trato com autoridades, sem adaptação à vida

sertaneja, sem conhecimento de aplicação de dinheiro público, sem a mínima vocação para tão nobre mister, avêsse inteiramente a cargo de direção - serem designados de improviso para dirigir Pôstos, as células vitais do S.P.I. - Que sucede dêsses contra-sensos?! Poucos, bem poucos, obtêm êxito imediato, muitos tropeçam bastante tempo para depois - depois que tantas quedas levam com os índios - aprumarem-se e serem bons funcionários; os mais, a vida tôda afora passam sofrendo danos com aquêles que desejam ajudar!

Essa deficiência do Serviço, isto é, a falta de uma escola ativa, onde se formariam os funcionários de direção tem sido em todos os tempos a causa primordial, ou só ela é, de tantos fracassos e erros que padece a gloriosa repartição do Marechal Rondon.

Se, para ocupar qualquer função simples, há tantas exigências do DASP aos candidatos, porque não é admissível que o S.P.I. também selecione os seus auxiliares dirigentes, através de estágio numa Escola Indígena - a Povoação Indígena ANTÔNIO ESTIGARRÍBIA?!

Pelas razões anteriores tôdas, e mais ainda pela última, ficaria então desde já autônoma da IR-8, e subordinada diretamente à sábia Diretoria em Brasília, a Povoação Indígena ANTÔNIO ESTIGARRÍBIA, que seria oportunamente reestruturada para aquela alta finalidade.

SENHOR DIRETOR:

Examinada com desvêlo a situação da Povoação Indígena ANTÔNIO ESTIGARRÍBIA, por essa patriótica Diretoria, e se as despretençiosas sugestões aqui oferecidas espontâneamente, mereceram a benevolência daquêles que tomaram a responsabilidade de scerguer nesta hora a plano superior o Serviço, para atingir vitoriosamente o supremo alvo de suas aspirações - o bem estar das famílias indígenas - terá V. Sa. pedido continuar com êxito, sob os aplausos unânimes dos amigos do aborígene brasileiro, a obra humanitária de RONDON e ESTIGARRÍBIA, idealizada pelo Patriarca da Independência e defendida com tanto ardor por TEIXEIRA MENDES, GONÇALVES DIAS, COUTO MAGALHÃES, ALÍPIO BANDEIRA, ROQUETE PINTO e outros!

E amanhã ou mais tarde, Sr. Diretor, aquêles que passaram ali pela Cra olândia e contemplarem tanta magnificência - a terra tôda em festa, atuando nas abençoadas mêsses, as prósperas criações tôdas abundantes, os queridos lares fartos e hígidas famílias indígenas alegres, risonhas - não de perguntar o autor providencial de tanta bemaventurança... As famílias CRAÔS, agradecidas, dirão felizes TASSO VILLAR DE AQUINO e dirão mais:

"SEU NOME ESTARÁ NO CIMO DA MONTANHA,
QUE A SEUS HERÓIS ERGUER O POVO DO BRASIL".

Agradecimentos mil de

Cildo Metrelles

CILDO METRELLES